



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Kreutz, Lucio; Kuiava, Evaldo Antônio; Nodari, Paulo César
Representação do magistério sob o movimento da restauração católica e seu reflexo nas
escolas da imigração alemã no RS
História Unisinos, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 91-99
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866826011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Representação do magistério sob o movimento da restauração católica e seu reflexo nas escolas da imigração alemã no RS

The representation of teachers under the Catholic restoration and its consequences on the schools of German immigrants in the state of Rio Grande do Sul

Lucio Kreutz¹

lkreutz@terra.com.br

Evaldo Antônio Kuiava²

eakuiava@ucs.br

Paulo César Nodari³

pcnodari@ucs.br

Resumo. A representação de magistério como vocação e sacerdócio foi enfatizada, a partir do século XIX, pelas instâncias mais conservadoras da sociedade europeia. Ela teve incremento especial sob o Movimento da Restauração, no qual se fazia oposição frontal à sociedade democrática e de autonomia do laico, proposta a partir da Revolução Francesa. No texto, o objetivo é salientar como se formou a concepção de magistério, sob a Restauração Católica, e como esta concepção se refletiu no processo escolar dos imigrantes alemães no Brasil. Suas diretrizes foram emitidas como posição oficial da Igreja Católica a partir do Papa Pio IX, em 1864. Com as encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus*, este papa condenou a tendência laica da modernidade e propôs um movimento de retorno aos princípios da Idade Média, em que nostalgicamente se imaginava haver existido uma “sociedade harmônica”, sob a primazia do espiritual. Nesse contexto, a representação de magistério como vocação foi muito acentuada, com forte repercussão no processo escolar. Mesmo tendo sido uma diretriz para toda a Igreja Católica, em função das fontes, a análise restringe-se à manifestação desse ideário nas escolas da imigração no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: magistério como vocação, missão sagrada, profissão docente.

Abstract. The representation of the teaching profession as a calling and priesthood was emphasized from the 19th century onwards by the more conservative circles in European society. It was particularly highlighted under the Restoration Movement, which frontally opposed democratic society and the autonomy of the lay realm that had been proposed since the French Revolution. The article discusses how the representation of teachers under the Catholic Restoration was formed and its consequences among German schools in Brazil. The Restoration's guidelines became the official position of the Catholic Church in 1864 with Pope Pius IX. Through his encyclicals *Quanta Cura* and *Syllabus* he condemned modernity's lay tendency and proposed a return to the principles of the Middle Ages, in which there had supposedly been a “harmonic society” under the primacy of the spiritual

¹ Professor Adjunto III da Universidade de Caxias do Sul, Centro de Filosofia e Educação (CEFE).

² Universidade de Caxias do Sul, Centro de Filosofia e Educação (CEFE).

³ Universidade de Caxias do Sul, Centro de Filosofia e Educação (CEFE).

realm. In such a context the representation of the teaching profession as a calling was very much stressed, and it had a strong repercussion in the schooling process. Although the Restoration's guidelines were intended for the Catholic Church as a whole, in view of the sources the article's analysis is restricted to the expression of its views among the schools of German immigrants in the state of Rio Grande do Sul.

Key words: teaching as a calling, sacred mission, teaching profession.

A concepção de magistério sob o Movimento da Restauração Católica do século XIX remonta à Idade Média, com Santo Agostinho e Tomás de Aquino. Recebeu maior ênfase no século XVI, quando as escolas de ensino elementar começaram a ser dirigidas para a camada popular, sob um motivo religioso. Os professores, normalmente, pertenciam ao respectivo clero. E quando este não conseguiu mais atender a demanda, chamava auxiliares entre os leigos que deveriam fazer, previamente, uma profissão de fé e um juramento de fidelidade aos princípios da Igreja. Daí se origina o termo professor, o que professa fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa como sacerdote aos alunos, prevendo-se parca remuneração na existência terrestre, mas farta na eternidade.

Sob essa perspectiva, representava-se o professor exercendo um sacerdócio, com uma missão sagrada, espiritual, de vida, a cumprir e inadiável, que, se levada a bom termo, valeria uma recompensa imperecível perante Deus e os homens. E, por se tratar de uma vocação sublime, postulava-se profunda consagração a estas funções, com responsabilidade e abnegação, sem esperar grandes vantagens materiais. Essa visão era uma força motivadora que tocava mentes e corações de professores e alunos, cujo processo educativo tornava-se um processo ritualista graças ao qual o próprio messianismo assumia valor em si e também servia de veículo para a divulgação da doutrina cristã.

A partir de 1848, quando diversos países europeus, especialmente as regiões de língua alemã, se articularam contra o avanço do ideário liberal, a concepção do magistério como vocação começou a ser reafirmada mais incisivamente também por motivos políticos. As forças conservadoras, especialmente as igrejas cristãs, identificaram a Revolução Francesa e o liberalismo como origem e causa de todos os males. Logo depois, em 1864, Pio IX classificou-a como “obra prima de satanás” na encíclica *Quanta Cura*. Estas igrejas começaram a formar uma frente político-religiosa, o *Movimento da Restauração*, com o qual pleiteavam a volta aos “bons tempos” da Idade Média, representada como sociedade “harmônica e justa”. Nesse movimento de oposição ao ideário liberal, a figura do professor foi pensada como vital, devendo doar-se religiosamente à missão de debelar as investidas do “liberalismo satânico”.

Aos poucos, quando esta concepção se esvaiu de sua origem histórica, foi se afirmando por si mesma, metafisicamente, para parte da sociedade, entendendo-se que o magistério era, por essência, uma vocação, um sacerdócio. Esquecia-se que esta era uma concepção decorrente da visão de cristandade em que toda a sociedade se erigia sob a primazia do espiritual.

No texto apresenta-se o incremento que a Restauração Católica teve a partir do século XIX, em oposição frontal ao avanço do liberalismo na estruturação das sociedades, especialmente europeias. Examina-se a inflexão dessa tendência em representar o magistério como vocação, como um sacerdócio com missão sagrada, e sua repercussão no processo escolar. Não obstante a influência que o Movimento de Restauração Católica teve em quase todo o Brasil, em função das fontes pesquisadas, delimita-se o texto ao exame de sua origem nas regiões de língua alemã na Europa e sua difusão no sul do Brasil, por meio dos imigrantes.

O Movimento da Restauração Católica e o magistério

Sob a Restauração Católica, no século XIX, havia grande empenho pela dimensão educativa e normativa do processo escolar, concebendo-se o magistério e suas funções sociorreligiosas como vocação, uma missão nobre e santa. Nessa visão o professor era tido como uma figura estratégica, o guardião de uma ordem cujo sistema de referência era o sagrado, e cujas normas econômico-sociais se legitimavam pelas normas e valores religiosos. Vinculados a uma atmosfera de primazia do espiritual, foram ilustrativos os exemplos das regiões rurais, com tradição prevalentemente católica ou evangélico-luterana, na Alemanha. Ali o professor foi um agente de especial interesse, pois exercia, além de suas tarefas escolares, uma série de funções religiosas e socioculturais junto às comunidades agrárias.

A partir de 1830 registrou-se, diferentemente e em oposição aos princípios da Restauração nas igrejas cristãs, um movimento crescente de professores que, inspirados em princípios liberais, lutavam pela organização profissional e pela especialização de suas funções,

rejeitando as não-escolares. Tratava-se de professores da rede pública que buscavam maior autonomia da categoria profissional, procurando libertar-se da exagerada tutela e autoritarismo do Estado e da Igreja. Esta campanha estava inserida em contexto maior de transformações. A crescente industrialização, implicando profundas mudanças no processo de trabalho, também incluía transformações políticas (formação dos Estados Nacionais) e socioculturais (organização crescente da vida urbana, autonomia do laico e temporal em relação ao religioso). Nesse momento histórico, foram se formando as Associações Regionais e a Associação Nacional de Professores Alemães, que, unidas ao movimento operário e a outros, pressionavam pela reordenação da estrutura político-social e econômica. O conjunto desses movimentos liberais, genericamente conhecidos como “vaga revolucionária”, começara a ser duramente golpeado pelas forças conservadoras da sociedade a partir de 1848, entre as quais a Igreja da Restauração.

Nesse contexto, a Igreja Católica reafirmou-se em princípios nitidamente conservadores, com acentuada centralização administrativa e doutrinária, o que se caracterizou como o *Movimento de Restauração Católica*. Com o objetivo de resistir ao crescente ideário liberal e à urbanização, tida como desagregadora da sociedade, considerada harmônica até então, a Restauração Católica promoveu, especialmente nas comunidades rurais em que se mantinha rígida organização social, uma inquestionável explicitação de papéis de seus membros. Atenção especial merecia o professor considerado como paroquial, com função antes normativa do que científica, antes vocacional do que profissional e técnica. A Igreja investia contra aquilo que entendia como os malefícios trazidos pelo liberalismo. Para entravar seu avanço, privilegiava as comunas rurais representadas como instância de vida política e religiosa saudável, em que se incrementava amplo associativismo. A partir da exaltação dos valores comunitários, de colaboração mútua, esse movimento foi confluindo, paradoxalmente, para a fundamentação do autoritarismo, em oposição ao movimento democratizante e laico, inspirado nos princípios do liberalismo (Romano, 1981). Nesse espírito, a Igreja endossava publicamente a condenação que o rei da Prússia dirigia ao magistério alemão, cuja bandeira era a autonomia e a organização da categoria, libertando-se da excessiva tutela da Igreja e do Estado:

[...] e Frederico Guilherme IV, o melhor dos reis prussianos, afirmou em 1849 aos professores das Escolas Normais: “Toda a miséria que desabou nos últimos

anos sobre a Prússia é culpa unicamente de vocês professores em consequência da formação errada, puramente humana e a-religiosa com que vocês substituíram a fé e a fidelidade no coração de meus subordinados (Lehrerzeitung, 1925, p. 2).⁴

Quais os motivos que levaram a Igreja Católica a considerar Frederico Guilherme IV o melhor dos reis prussianos? Sabe-se que o Movimento de Restauração teve, na Alemanha, seu impulso maior justamente com esse rei, que sufocou energicamente os movimentos liberais de 1848, considerando-os uma nefasta influência da Revolução Francesa. Com Frederico Guilherme IV iniciou-se um período de grande conservadorismo, inspirado no Antigo Regime. Por isso, ele não permitiu a abertura dos *Kindergaerten* (jardins de infância) projetados por Froebel, por considerá-los a-religiosos e socialistas. Procurou coibir o movimento de laicização das escolas, favoreceu o caráter confessional e autoritário da educação, devolvendo a orientação e inspeção do ensino à Igreja. Para isso, logicamente, pôde contar com as bênçãos da mesma, que encetara simultaneamente o Movimento de Restauração Católica. Neste sentido, a década de 1850 foi marcada, na Alemanha, por um forte caráter de reacionarismo.

A Igreja Católica, ao perder os Estados Pontifícios, procurou recuperar-se no campo espiritual, partindo para uma maior centralização administrativa, litúrgica e doutrinária. Concebendo a estrutura social como parte de uma ordem objetiva criada por Deus – portanto, justa e boa –, competia-lhe modelar os homens segundo a perfeição e harmonia desta ordem estabelecida. Para isso, tomava as comunas rurais como modelo, pois as considerava menos afetadas pelo liberalismo “devastador”. Nesse prisma, a educação e a escola confessional começaram a ter importância especial para a Igreja. Entendendo que o erro residia na consciência individual, que resistia a adequar-se à ordem estabelecida, urgia dar especial atenção à educação dos indivíduos.

O entendimento do magistério enquanto portador de um sacerdócio, de uma nobre missão, foi se estabelecendo em sintonia com a restauração da Antiga Ordem, a da Idade Média, supondo-se que então a sociedade humana vivera uma ordenação hierárquica, boa e harmoniosa. Nessa visão de cristandade, entendia-se o homem (em contexto de ênfase no masculino) em perspectiva dualista, dentro de um quadro cósmico-religioso também dualista: o homem seria um participante provisório do mundo sensível, por onde passava como peregrino rumo ao espiritual e inteligível. Mediado e conformato pela educação, o homem superaria o mundo das sombras

⁴ Nesse texto, a tradução das fontes, originalmente em alemão, foi realizada por Lúcio Kreutz.

(o corpo, o desejo, os sentidos, o pecado), orientando-se para o mundo magnífico das ideias e do espírito. Recorria-se ao sensível secundariamente, pois não era este o lugar do conhecimento verdadeiro. Em seu interior, o homem já tinha a semente da verdade e a essencialidade humana estava definida: o espírito identifica o homem. Portanto, cumpria à verdadeira educação ajudá-lo a libertar-se do passageiro e encaminhá-lo para o mundo ideal e da verdade. Neste sentido a Igreja lembrava:

Há um conflito interior do homem dilacerado entre o que o liga à vida material e o que o une ao mundo espiritual. A teoria do pecado original e de suas consequências duradouras constitui uma advertência, de uma energia sem par, para o homem não ceder ao que aparenta ser a sua realidade e a do meio que o rodeia, pois não apresenta mais que um estado de corrupção e o lugar de seu exílio. Não basta que a educação se negue a apoiar-se nesta realidade: deve também vencê-la. A educação cumpre ligar o homem à sua verdadeira pátria, à pátria celeste, e destruir ao mesmo tempo tudo o que o prende à sua existência terrestre (Suchodolski, 1978, p. 20).

Por isso, a figura do mestre é tão importante na vida e na educação das pessoas. Segundo essa visão, urge que aquele que já participa mais do mundo espiritual seja o guia para os demais. Esse sacrossanto ato de lecionar, associado ao ato de educar como vocação, isto é, como chamado interno de origem divina, se revestia em forma de renúncia da vida ativa e criativa. Na verdade, tratava-se de uma postura espiritualista influenciada pelo cristianismo que atribui a Deus um papel de destaque na função do processo de ensino e aprendizagem. Com a ajuda do mestre, os alunos, com suas potencialidades naturais, por meio da razão e da vontade, deveriam de certa forma renunciar a um projeto de vida pessoal e estar sempre em consonância com o projeto divino.

A Restauração Católica afirmava uma concepção estática de educação: os humanos, como os outros seres, estariam predeterminados em suas leis biológicas e no espaço que lhes fora reservado no todo. Fomentava-se a submissão ao modelo, advogava-se a supremacia da ordem estabelecida sobre a individualidade criativa. Os princípios estavam acima das pessoas. A estrutura dada era considerada boa, porque correspondente a uma ordem ideal, justificando o governo dos sábios, da elite, já mais próxima do mundo ideal. Na visão da Restauração, entendia-se que o mal no mundo era decorrente do desvio no agir humano, justificava-se a ação pedagógica com disciplina forte, base ascética e intelectualizante. Segundo esta concepção, “educar é propor modelos, conferindo-lhes uma clareza, uma perfeição, em suma, um estilo que, por

meio da realidade do dia a dia, não será possível atingir” (Snyders, 1974, p. 18).

O objetivo da pedagogia cristã era colocar o aluno em sintonia com as grandes realizações: raciocínios e demonstrações bem elaborados, obras-primas da escultura e da arte. Confrontava-se o aluno com os grandes personagens, os grandes modelos, para despertar nele um dinamismo e uma vontade que o redirecionassem na superação das misérias individuais em direção ao ideal proposto (Snyders, 1974, p. 19).

A figura do professor paroquial começou a ter importância nesta orquestração de uma totalidade harmônica: sua ação na escola deveria ter vinculação com a ação educativa na comunidade, tornando-se localmente o agente principal desta orquestração educativa, vinculando escola e comunidade. Daí o realce para as funções extra-escolares. Posto como o guardião da ordem estabelecida, competia-lhe assegurá-la não somente pelo ensino, mas especialmente pelo seu exemplo de vida e pela sua incansável atuação no campo religioso e social. Daí a concepção do magistério e suas extensões de serviço social como uma vocação, um sacerdócio, uma missão.

Na Alemanha, a Associação dos Professores Católicos polemizava constantemente com representantes do ideário liberal na questão da definição das atribuições do magistério. Dizia que, sem a dimensão religiosa, o professor seria um assalariado como qualquer outro e seu trabalho seria medido e julgado com critérios temporais e quantitativos, como os de um trabalhador braçal. E, nesse caso, a escola contaria apenas com a força do adestramento de seus professores, sem o calor, o elã e a luz da religião. Referindo-se às escolas públicas, especialmente às da França, a Associação de Professores Católicos perguntava: o que significa o professor nessas escolas? E afirmava que ele era apenas um elemento anônimo da máquina estatal, muitas vezes mero instrumento de interesses políticos, não conseguindo maior consideração popular por ser apenas um assalariado, funcionário público, indiferente ao povo. E considerava:

Como é diferente nos lugares em que se busca na Ressurreição a inspiração para a escola! Comparemos, por exemplo, a França com a Suíça e a Alemanha. Nos dois últimos países, quanta consideração desfrutam os Irmãos das Escolas Cristãs! E quão bela e patriarcal é, aí, a figura do professor paroquial! Quão bela é a figura do professor paroquial, seja nos povoados da Alemanha seja aqui no estado. Quão bela é a figura do professor que não precisa e não procura a promoção pessoal, evitando reclamações, que se dedica abertamente ao espiritual em fidelidade e pureza como que infantis. Enfim, quão bela é a figura do professor paroquial

que vive, que ensina e que educa cristãmente. Tal professor é um pai para seu povo, ele é o conselheiro, o consolador, o mediador. Ele é como um patriarca no meio de um povo cristão. Nos lugares onde não é mais assim, ou, onde ainda não o é, percebe-se a lacuna e o vazio, sem a vivência da Ressurreição, seja na pessoa do professor, seja na dos pais e dos educandos! Sem a vivência da Ressurreição, a escola é apenas um lugar de treinamento, com resultados também adstritos a este. Observe-se o “paraíso” da escola pública francesa. [...] de 50 anos para cá triplicaram os ladrões, que são muito mais numerosos entre os jovens do que entre os adultos. Pergunto: a escola não tem participação, não é também responsável por este caos? A estatística diz que em Paris, de cem marginais, apenas dois estiveram na escola cristã. E que, de cada 100 crianças, 87 estão nas escolas públicas e apenas 11 nas escolas particulares, cristãs. E o que se passa na França também ocorre em outros países sem escolas cristãs.

É a escola cristã que, fundamentada na Ressurreição, forma os melhores cidadãos. Que Cristo ressuscitado seja a estrela que guia o professor paroquial! Que o Evangelho seja sua “suma pedagógica”! Que os sacramentos sejam sua força e sua luz em todos os momentos (MTL, 1900, p. 25-26).

O texto citado não caracteriza todas as funções do professor, no entanto, é bem claro quanto à especificação da missão principal do mesmo, isto é, a religiosa, e expõe claramente sua matriz de inspiração no conservadorismo romântico, opondo a bondade e a beleza das comunidades rurais à perversão e à artificialidade das metrópoles como Paris (Rousseau, 1896). No texto acima, a Associação dos Professores Católicos professa, de modo incontestado, seu alinhamento com a Restauração, admitindo que somente há ordem e harmonia entre os homens e sentido para a vida ali onde tudo conflui para o espiritual, sob a tutela contínua da Igreja. Trata-se de uma concepção enraizada na perspectiva dualista greco-medieval da cristandade. No texto transparece claramente o antimodernismo tão enfatizado pela Igreja Católica desde as encíclicas *Syllabus* e *Quanta Cura* de Pio IX, em 1864, atribuindo todo mal e desordem ao “satânico liberalismo” da Revolução Francesa, que questionava e sublevava toda a ordem e harmonia secular, posta por Deus. Daí o confessado horror em relação ao laico, à autonomia do temporal, ao avanço das ciências sociais e à escola pública, atribuindo-lhe a causalidade do alto índice de criminalidade em Paris.

Na literatura sob a Restauração, há frequentes alusões a um suposto desastre da escola pública e laica na França (*Lehrerzeitung*, 1915, fev./mar., p. 14; março, p. 22). Temia-se, nos quadros da Restauração, o avanço

das ciências sociais, que, no entanto, na segunda metade do século XIX, já apontavam outras causas para a marginalidade. Em sua postura antiliberal, a Associação dos Professores Católicos, na Alemanha, ficava à margem, desconhecia as causas reais das profundas mudanças que vinham ocorrendo na sociedade europeia com o incremento da industrialização.

Enquanto a implantação da escola pública se afirmava na Alemanha, no século XIX, a literatura católica, especialmente a partir de 1850, deixa transparecer a opção preferencial pela escola confessional e pelo professor paroquial. Revela a concepção dualista de homem e de mundo no espírito da cristandade, em que se deveria afirmar a primazia absoluta do espiritual.

Professor paroquial: vocação sublime e sacerdócio, com pouca recompensa material

Na literatura escolar alemã sob a Restauração, a concepção de magistério era expressa em sentido de vocação, muito próximo ao que é caracterizado na Escritura como a missão do sacerdote católico. Descrevia-se a função do professor como uma mediação entre Deus e a comunidade. Daí provinha sua dignidade e também sua profunda responsabilidade. B.H. Overberg, padre e professor, produziu um texto, considerado um clássico para a Restauração Católica na Alemanha, caracterizando o magistério como vocação e missão essencialmente religiosa. Afirmou:

Eu sou professor, isto é, fui chamado por Deus, fui encaminhado pelos meus superiores e sou sustentado pela comunidade para exercer esta missão. Vinculei-me por meio de um juramento a esta missão de ser um professor da verdade, educando para a verdadeira sabedoria e para o temor de Deus, não somente para uma, ou duas ou três crianças, mas para toda uma escola. Quanto maior o número de alunos, tanto maior minha responsabilidade. [...].

Eu sou professor, isto é, tenho uma missão que é uma das mais nobres e mais importantes da terra; afinal, que outra missão poderá ser mais importante e mais honrosa do que a de ser professor da verdade e da virtude para tantos que a ignoram, ser pai espiritual de tantas crianças, ser o jardineiro da sementeira da comunidade, ser o visível e vigilante anjo da guarda dos filhos de Deus, ser o guarda do tesouro do Sangue de Cristo, ser o guarda do templo do Espírito Santo, ser o guia e condutor de tantos novos peregrinos para Deus, nosso Pai? Tudo isto eu devo ser na função de professor paroquial (Schwark, 1972, p. 202).

Esses princípios eram conhecidos e recomendados também pela Associação de Professores Católicos da imigração alemã no Brasil, conforme retrata uma de suas lideranças:

O magistério concebido como vocação é um serviço que se presta à comunidade e que exige fidelidade e perseverança. Por isso, a literatura celebra com frequência os antigos professores, os que permaneceram fiéis à vocação, como verdadeiros patriarcas (Amstad, 1924, p. 419).

A mesma literatura realçava que o professor deveria ser formado a partir de princípios espirituais, pois eram o coração e a caridade que o consagravam para uma missão mais profunda. O magistério era considerado sinônimo de amor, paixão, dedicação, vocação, o que dispensava um bom salário. Ao professar a sua “fé” com fidelidade aos princípios institucionais, seria recompensado em outra instância. Ser professor era algo sublime cujo pagamento principal no mundo da vida terrena era ver seus alunos aprendendo de acordo com o que era ensinado. Tendo um sacerdócio a exercer, em decorrência, postulava-se do mesmo uma profunda consagração às funções estabelecidas, com muita responsabilidade e abnegação, sem esperar grandes vantagens materiais. A vocação era espiritual, a recompensa também deveria ser creditada para a eternidade, pois

[o] magistério concebido como vocação demanda sacrifício, esforço e renúncia. E, quanto ao baixo salário do professor, pode-se perguntar: qual foi o salário dos grandes professores, os apóstolos? Trabalharam por um tesouro imperecível no céu. E como foi remunerado o maior mestre, Cristo? Nele é que está o exemplo para os professores paroquiais (Lehrerzeitung, 1920, nov./dez., p. 4-7).

Muito já se falou sobre o trabalho docente como vocação. Contudo, para entender de forma mais ampla, é preciso buscar a origem dessa concepção. Uma estatística de 1898, na Alemanha, comprova que a média de vida dos professores era inferior à dos agricultores (*Deutsches Volksblatt*, 1972-1928). Uma constante da literatura escolar era apresentar o professor desprovido de maiores bens materiais. Como ocorria com o sacerdote, também para o professor a riqueza seria a comunidade à qual se consagrava. Entendia-se, nesta perspectiva, que

[é] necessário que um sentimento profundo da importância de seus trabalhos o sustente e o anime, que o austero prazer de haver servido aos homens e de haver contribuído, no anonimato, para o bem público, chegue a

ser digno salário que só lhe dá a consciência. É sua glória não pretender nada mais além da obscura e laboriosa condição de professor; esgotar-se em sacrifícios mal-e-mal apreciados por quem se beneficia deles e não esperar recompensa senão de Deus (Luzuriaga, 1959, p. 64).

Assim, cada comunidade seria um monumento vivo em reconhecimento ao sacrifício e doação do professor:

Até hoje foram erigidos poucos monumentos ao professor paroquial. Porém, em cada comunidade rural que foi ou será presenteada com um bom professor paroquial, deveria existir tal monumento. Aliás, não. Pois a própria comunidade rural é ou será o monumento vivo do verdadeiro professor paroquial (Schwark, 1972, p. 228).

A imprensa pedagógica da imigração alemã no sul do Brasil também registra exemplo desta concepção em que só deveria abraçar o magistério quem tivesse disposição para o sacrifício e para a renúncia. Apresenta, entre outros, um exemplo considerado edificante (?): “Após uma atividade de 40 anos como professor, dirigente do coral e sacristão, entregou as funções, sem repouso remunerado, o professor Antônio Troucour” (*Lehrerzeitung*, 1924, jul., p. 15).

Como se percebe, partindo desses pressupostos e sob a ótica da história da educação, a profissão docente caracterizou-se, no Movimento da Restauração Católica, sob o modelo da renúncia e do sacrifício alicerçado na religião. Para ministrar aulas, o professor não precisava ter uma qualificação específica. A sua função era espiritual e humanitária e o seu magistério era um ato sacerdotal. O empenho do professor no seu trabalho era decorrente de um compromisso religioso e que igualmente se traduzia em um compromisso ético. O professor deveria assumir sua missão com o objetivo de torná-la a mais sagrada de todas. Disso decorreu a responsabilidade como uma dimensão essencial da atividade docente, a saber, como uma forma de responder à nobre vocação.

O professor paroquial nas comunidades rurais católicas do Rio Grande do Sul

A Igreja Católica, ao perder os estados pontifícios, procurou recuperar o espaço perdido investindo mais no campo espiritual e educativo. Concebia a estrutura social enquanto parte de uma ordem objetiva criada por Deus, portanto justa e boa, e competia-lhe ajudar a adequar melhor os homens, pecadores, à perfeição e harmonia dessa ordem estabelecida. O caminho seria promover

o comunitário, por meio de um amplo associativismo, servindo como modelo para isso as comunidades rurais. Estas estariam ainda menos afetadas pelo “liberalismo devastador”. Neste contexto, a educação começou a ter uma importância especial. Como o erro estava na consciência individual que resistia à adequação à ordem estabelecida, urgia dar especial importância à educação dos indivíduos.

Foi nesta orquestração de uma totalidade harmônica que adquiriu importância a figura do professor paroquial: sua ação educativa na escola deveria ter vinculação com sua ação na comunidade, tornando-se localmente o agente principal desta orquestração educativa, vinculando escola e comunidade. O jornal *Deutsches Volksblatt*, dirigido pelos jesuítas no Rio Grande do Sul, apresenta a partir de 1890 inúmeros editoriais e artigos em defesa da escola paroquial, nos quais se delineava o sentido da escola e do professor paroquial. Por exemplo, nas edições de 17 e de 20 de julho de 1894, trata da escola cristã, de seus defensores e opositores. Igualmente no ano de 1899 há quatro artigos, na edição de 31 de janeiro, de 07 de fevereiro, de 14 e de 17 de março, nos quais insiste no direito da Igreja em relação à educação e escola. A mesma argumentação em favor da escola paroquial aparece em quase toda coleção do *Jornal do Professor* desse grupo de imigrantes, a partir de sua primeira edição, em 1900. O interlocutor direto desta argumentação era o positivismo, que vinha tendo crescente afirmação nas instâncias governamentais do Rio Grande do Sul, e que tinha como uma de suas bandeiras a escola pública, laica, sob a direção do Estado.

No projeto de Restauração Católica, no Rio Grande do Sul, enfatizava-se a necessidade de se canalizar todas as atividades possíveis para se formar a unidade religiosa entre alunos, professores e pais com o clero. Os livros didáticos foram elaborados neste princípio. Além disso, eram tomadas outras iniciativas, como *noites para os pais* (*Elternabend*) para promover maior integração entre escola e família (MTL, 1903, jan., p. 3-5; maio, p. 33-37). Por isso, nesse mesmo projeto se enfatizou crescentemente que o meio mais adequado para se ter um bom progresso religioso e social seriam as escolas paroquiais. Nelas havia a garantia para uma boa formação religiosa e moral dos filhos. Neste sentido, fazia convocações solenes aos católicos, como:

Católicos do Rio Grande do Sul, conservai os melhores bens que tendes! Já foram realizadas sete Assembleias de católicos. Em cada uma foram concedidas amplas atribuições à escola paroquial. Nela reside nossa força, pois ela tem a tarefa de educar a nova geração para uma vida cristã prática e sadia (*Lehrerzeitung*, 1908, p. 50-51).

Pelo fato de poder exercer funções no culto e na catequese, de estar investido de atribuições culturais junto às comunidades agrárias, distinguindo-se pela animação da vida associativa, é que o professor paroquial foi um agente de especial interesse no projeto de Restauração da Igreja Católica junto aos imigrantes no Rio Grande do Sul. A Associação de Professores Católicos da imigração alemã no Rio Grande do Sul considerou Lorenz Kellner, juntamente com Overberg, já citados acima, um marco de referência na constituição do professor paroquial. Kellner afirmara:

[...] a tarefa primeira da escola é e permanecerá sendo a educação da criança para a vida eterna [...] a primeira instância da educação é a família. Ela é o templo onde se molda basicamente a criança. [...] O fundamento de toda a educação é a religião. [...] A tarefa na escola não é apenas humana. [...] Para o professor paroquial importa particularmente que tenha um ideal, uma especial inclinação para o serviço superior e para uma doação total só possível na vida cristã (vocação) (*Lehrerzeitung*, 1911, mar., p. 28-29).

Kellner caracterizou de maneira clara sua concepção de educação em harmonia com os princípios da Restauração Católica. Esses princípios estão presentes, como referência, praticamente em toda a coleção do *Jornal do Professor* (*Lehrerzeitung*) da imigração alemã católica no Rio Grande do Sul.

O *Deutsches Volksblatt* de 03 de agosto de 1897 realça a necessidade de os professores assumirem o magistério como uma vocação, demonstrando aplicação, vontade de ensinar, paciência e verdadeiro amor com os alunos; e que o professor paroquial busque as energias revigorando-se com um retiro espiritual anual e formando associações de apoio mútuo, sendo que estas reuniões fomentariam um magistério bem embasado, estreitando sua união com a Igreja. Na literatura relacionada com o professor paroquial, seja na Alemanha ou no Rio Grande do Sul, especialmente nos *Jornais do Professor* de lá e de cá, são frequentes as referências ao professor paroquial em termos de sacerdócio, de uma missão sagrada porque é considerado mediador de Deus junto à comunidade e aos alunos. Daí, simultaneamente, sua dignidade e sua responsabilidade.

Segundo o depoimento de um grupo de ex-professores paroquiais, dado em 1982, quem melhor sintetizou o sentido e as funções do professor paroquial católico na região de imigração alemã foi Dom Alberto Etges, então bispo de Santa Cruz do Sul. Pareceu-lhes tão apropriado o texto do bispo que encaminharam sua publicação com destaque na Capa da revista *Skt Paulusblatt*, revista da Sociedade União Popular, que circula nas comunidades da imigração alemã desde 1912. Escreveu Dom Alberto Etges:

Por todo o longo tempo que existiu o professor paroquial, foi ele, quase sem exceção, uma figura exponencial em numerosas comunidades de nossa diocese. Era um homem polivalente e preparado para o seu mister: professor e educador, catequista, diretor do culto dominical, regente do coral e organista, orientador e animador da comunidade, conselheiro do povo, colaborador do clero, pessoa de confiança das autoridades, e outras pessoas de responsabilidade, representante e promotor das entidades socioculturais de inspiração católica de então (União Popular, cooperativas, caixas rurais, congressos católicos...), correspondente, articulista em jornais e em revistas.

Era, sem dúvida, a pessoa mais habilitada do lugar, e reconhecido como tal. Sobre tudo era um homem de fé, um homem de igreja, com profunda vivência cristã, geralmente pobre e desprendido, despretenhioso, reto, idealista e equidistante de quaisquer facções partidárias. Era o líder incontestado da comunidade. Nele se concentrava a vida cultural, religiosa e associativa da época. Se então houvesse ministérios ordenados, sem dúvida nenhuma teriam sido os diáconos permanentes preconizados pelo Concílio. Por tudo isto, eram figuras imprescindíveis no lugar. Tanto era assim que, já não existindo, até hoje não se conseguiu encher convenientemente o vácuo que deixaram, com não pequeno detrimento da vida comunitária.

Não se pode voltar ao passado. Urge, porém, fazer com que apareçam, o quanto antes, as novas figuras que, na linha daquelas, saibam integrar as comunidades hoje, como o conseguiram aqueles então. Confiamos que os novos ministérios nos deem a pista e a solução (Etges, 1977, out., capa).

Esta descrição sintetiza bem o significado e a função do professor paroquial enquanto agente e líder de comunidade rural, vinculado a uma atmosfera de “primazia do espiritual”. No projeto de Restauração Católica, ele foi figura estratégica e guardião de uma ordem em que o sistema de referência era o sagrado, em que as normas e os valores econômico-sociais se legitimavam pelas normas e valores religiosos, em que a organização social estava alicerçada na homogeneidade de pequenos proprietários rurais com base na policultura e no trabalho familiar. Por isso, havia um cuidado especial com a escolha e a formação desses professores, em escolas de aperfeiçoamento (*Fortbildungsschulen*), em Escolas Normais (*Lehrerseminare*), também em Juvenatos de Congregações Religiosas e em Seminários para a formação sacerdotal. Em 1909, um dos líderes do Projeto Católico, Pe. Max von Lassberg, SJ, concluía que, em todas as instâncias, se havia zelado para que houvesse bons professores paroquiais e que, se-

gundo seu colega, Pe. Lutterbeck, (1977, p. 97), também jesuíta, a “escola paroquial alcançou gradativamente um excelente nível e uma organização que era superior, sob vários aspectos, às iniciativas morosas e insuficientes das escolas governamentais ou públicas”.

Considerações finais

Sem a perspectiva de historicidade, sob o Movimento da Restauração Católica, o entendimento do magistério foi naturalizado, considerado metafisicamente correto e necessário para a sociedade. Aceitava-se a realidade posta como necessária, dificultava-se a percepção do transitório e do relativo em cada estrutura econômico-social concreta. Não se atentava para a crítica de suas limitações. Aceitava-se a estrutura posta como boa e aos humanos não cabia questioná-la, mas inserir-se da melhor forma, pois fazia parte de um conjunto maior, harmônico, posto por Deus.

A concepção de magistério e a formação dos professores nas escolas étnicas da imigração alemã católica, no Rio Grande do Sul, mereceram atenção especial das lideranças dessa imigração. A partir de 1898, com a fundação de duas Associações de Professores (*Lehrerverein*), católica e evangélica luterana, iniciou-se uma fase de crescente ênfase no debate sobre a concepção de magistério e de ação mais sistematizada de formação dos professores. A iniciativa dos imigrantes alemães, abrindo e mantendo em torno de 1.200 escolas étnicas comunitário/confessionais, entre 1890 e 1939, é tema pouco pesquisado. Considero esse um fato significativo na história da educação do Rio Grande do Sul, em que foi erigida toda uma estrutura de apoio para a formação e acompanhamento dos professores das escolas étnicas da imigração alemã. As lideranças da imigração, católicas e evangélicas luteranas, haviam tomado iniciativas semelhantes, mas específicas para cada confissão religiosa, em relação à formação dos professores. Nessa perspectiva, fundaram uma associação de professores, um jornal/revista dos professores, uma escola normal para a formação dos mesmos, um instituto de pensão e aposentadoria, além da organização sistemática de encontros de estudo e formação, expressando com essas iniciativas sua importância para o projeto de Restauração Católica. As fontes pesquisadas delimitam-se à imigração alemã do Rio Grande do Sul. No entanto, a Igreja da Restauração Católica manifestou-se em praticamente todas as dioceses brasileiras, implantando iniciativas pastorais bastante próximas às tratadas neste texto. Por isso, torna-se oportuno examinar seu reflexo nas práticas educacionais do presente.

Foi esta a visão de mundo e de magistério prevalente nas comunidades rurais dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, entre 1870 e 1940. Considero-o um

fenômeno significativo para a história da educação, porque teve a abrangência acima de mil comunidades rurais, com mais de 1.200 professores paroquiais, em que se chegara à quase total extirpação do analfabetismo. Faz-se oportuno lembrar que entre cristãos evangélico-luteranos houve experiência semelhante em muitos aspectos. Escola e Igreja formavam um conjunto inseparável sob a liderança do clero, em boa parte, provindo ainda dos países europeus de origem dos respectivos imigrantes. Esses procuravam reconstruir, nas comunidades rurais do estado, aquilo que a Igreja havia perdido nos países europeus em decorrência das grandes transformações econômico-sociais e políticas, características da modernidade em que um novo modelo de sociedade liberal e laica foi se tornando predominante.

Referências

- AMSTAD, T. 1924. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Typographia do Centro, 643 p.
- DEUTSCHES VOLKSBLATT. 1872-1928. *Unabhaengige Zeitung fuer: Wahrheit, Freiheit, Recht*. Porto Alegre, Typographia do Centro.
- ETGES, A. 1977. O professor paroquial. *Skt Paulusblatt*. Nova Petrópolis, 4 out.
- LEHRERZEITUNG. 1907-1940. *Vereinsblatt des Deutsch-brasilianischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Typographia do Centro.
- LUTTERBECK, J. 1977. *Jesuítas no sul do Brasil*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. (Publicações avulsas nº 3).
- LUZURIAGA, L. 1959. *História da educação pública*. São Paulo, Editora Nacional, 169 p.
- MTL. 1900-1907. *Mitteilungen des Katholischen Lehrer- und Erziehungvereins in Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Typographia do Centro.
- ROMANO, R. 1981. *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo*. São Paulo, Brasiliense, 167 p.
- ROUSSEAU, J.J. 1896. Letre a M. D'Alembert. In: J.J. ROUSSEAU, *Sur les Spectacles*. Paris, Hachette, p. 120-135.
- SNYDERS, G. 1974. *Pedagogia progressista*. Coimbra, Almedina, 226 p.
- SCHWARK, W. 1972. *Die Berufsrolle des Volksschullehrers im Spiegel seiner Verbandszeitschriften*. Bochum, Alemanha. Dissertação de Mestrado. Ruhr-Universitaet Bochum, 340 p.
- SUCHODOLSKI, B. 1978. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. 2ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 381 p.

Submetido em: 24/09/2010

Aceito em: 22/12/2010

Lucio Kreutz
Universidade de Caxias do Sul,
Centro de Filosofia e Educação (CEFE)
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil

Evaldo Antônio Kuiava
Universidade de Caxias do Sul,
Centro de Filosofia e Educação (CEFE)
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil

Paulo César Nodari
Universidade de Caxias do Sul,
Centro de Filosofia e Educação (CEFE)
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil